

# PIONEIROS

*Histórias de quem fez Brasília*

Na Brasília dos primeiros anos faltava tudo, mas o desafio de transformar o cerrado na capital do país sempre falou mais alto para um grupo de empreendedores/aventureiros. São professores, arquitetos, funcionários públicos, comerciantes que, com suas memórias, reunidas na série *Pioneiros — histórias de quem fez Brasília*, nos permitem reviver aqueles tempos.

**Dorália  
Galesso**



**Gladson  
da Rocha**



**Júlio  
Adnet**



**Roosevelt  
Dias Beltrão**



**Sylvia  
Bastos Tigre**



## PIONEIROS



Dorália Duarte Galesso

# Camaradagem enchia a vida de fatos engraçados

Arquivo pessoal



DORÁLIA (2ª À ESQUERDA) NA INAUGURAÇÃO DO COLÉGIO CASEB

RAQUEL FLORES GARCIA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

A mistura do sangue italiano com o indígena é, segundo ela, a explicação para tanto dinamismo. Dorália Duarte Galesso, 79 anos de idade, 43 de Brasília, caminha todos os dias das seis às sete da manhã, pratica natação e garante que adora pescar. “Quem pára morre”, ensina a pioneira que chegou à cidade em 12 de fevereiro de 1960, movida pelo espírito de aventureira. Junto com ela vieram 59 professores concursados que formaram um grupo chamado de *os 60 de 60*, lembra *Dorinha*, como era conhecida entre os colegas.

Formada pela Escola Superior de Educação Física de Porto Alegre e em bacharel e licenciatura em História e Geografia pela Universidade do Rio Grande do Sul, Dorália tinha de 27 para 28 anos de idade e ainda morava com os pais na capital gaúcha, quando decidiu fazer o concurso para professores de ensino médio e lecionar Geografia. “Li a vida de JK, me apaixonei. Me encantei com a história e resolvi me inscrever”, justifica. Eram, segundo registra, mais de 1,6 mil candidatos para disputar 60 vagas cujo preenchimento visava organizar o colégio Caseb (iniciais da Comissão Ad-

ministrativa do Serviço Educacional de Brasília). Dorália lembra que chegou a carregar móveis para as salas e a dar aula em cartolina porque ainda não havia quadro-negro no colégio.

A iniciativa do governo em promover o concurso foi, na opinião da professora, fruto da sabedoria inconfundível de Juscelino Kubitschek. “Muita gente era contra Brasília porque alegava que não havia colégio para os filhos”, esclarece. Até mesmo o governador do Rio Grande do Sul, na época Leonel Brizola, ofereceu resistência à ida de Dorália para a emergente capital. “Custei a convencê-

lo a assinar a requisição”, relata a gaúcha de Santa Maria, que soube do resultado do concurso quando veraneava em Torres, cidade litorânea rio-grandense. “Os jornais diziam assim: ‘Professores abandonam o Rio Grande do Sul e vão para o cerrado’”, diverte-se contando.

“Vim e adorei”, garante Dorália, que foi morar nas casas da 708 Sul, próximas ao Caseb. De lá, depois de casada, mudou-se para a 315 Sul, até, finalmente, se estabelecer na Área Octogonal, onde já reside há 20 anos. Apesar de chegar adorando Brasília, confessa ter sentido um pouco de

medo ao desembarcar do avião que a trouxe com os outros cinco concursados do Rio Grande do Sul. “Mas quando vi que os outros colegas estavam nos esperando, o medo foi diminuindo. Fui vendo que aqui não era tão ruim quanto se falava”, recorda. E assegura: “Nunca me arrependi”. O clima de camaradagem era enorme e cheio de episódios engraçados, como, por exemplo, a montanha de roupas sujas deixadas na porta da casa de Dorália e das colegas com quem morava. “Nós brincávamos muito e um dia uma colega disse para um engenheiro que, como não havia la-

vanderia na cidade, ele podia levar as roupas lá para casa.”

Apesar de estar noiva de um médico em Porto Alegre, foi em Brasília que a educadora conheceu o marido. A notícia, conta Dorália, virou manchete: “Caiu mais um celibatário”. Era o piloto particular de Juscelino Kubitschek, o paulista de Bauru Ernane Galesso, de quem recebia bilhetinhos no restaurante do Grupo de Trabalho de Brasília, o GTB. Ponto de encontro da época, localizado onde hoje existe o Instituto Nacional do Livro, na quadra 507/508 Sul. “A vida social estava começando e sempre

## PIONEIROS

*A gaúcha Dorália disputou vagas com mais 1,6 mil educadores para garantir um lugar de professora no Caseb. Veio para ficar um ano e acabou casando e permanecendo na cidade*

arrumavam um motivo para reunir as pessoas", diz Dorália. Mesmo que esse motivo fosse um aniversário repetido no mesmo ano, como aconteceu na ocasião em que ela topou ser aniversariante no mês seguinte ao em que já havia comemorado a data. "Para poder conviver, a gente tem que se prestar a algumas brincadeiras", pondera a dona do duplo aniversário descoberto pelo deputado Almino Afonso. "Ele virou e me perguntou se o meu aniversário não tinha sido no mês anterior", diverte-se a protagonista da brincadeira.

Outro endereço para diversão era a boate do Brasília Palace Hotel, aos sábados, que dividia a preferência dos moradores com a Pilango, outra boate localizada no subsolo do Torre Palace. O nome, segundo a professora, significa borboleta em sueco, "mas acabou sendo chamada pelo pessoal de *Pileque de Candango*", lembra achando graça. Para os engenheiros pés-de-vela da cidade, havia os salões improvisados nas próprias construtoras, para onde eles costumavam levar "as primeiras mulheres civilizadas", entre elas a professora do Caseb e ex-professora catedrática do Instituto de Educação do Rio Grande do Sul e da Faculdade de Educação Física de Porto Alegre.

Quando não ia dançar nos finais de semana e não havia algum jantar típico programado na casa de amigos, Dorália pegava carona em avião da FAB para ir ao Rio de Janeiro. Viajava no sábado e voltava no domingo à tardinha. Era na capital carioca que a professora aproveitava para ir a salões de beleza, já que em Brasília ainda não havia esse tipo de serviço. O primeiro, lembra a pioneira, foi aberto onde



**DORÁLIA CRIOU, COM O APOIO DA FILHA DORA THEREZA, O GRUPO ECOLÓGICO INFANTO-JUVENIL NA OCTOGONAL**

fica atualmente o Supermercado Maia, na 505 Sul, mesma quadra em que funcionou a Bibabô. Era também nas lanchonetes da W3 — ainda sem asfalto e onde se perdia sapato na lama —, localizadas na altura da atual Pioneira da Borracha, que Dorália costumava jantar antes de voltar para casa depois de uma jornada de trabalho. Ali, recorda, encontrava muitas autoridades no meio do povo, até mesmo o presidente Juscelino. "Para ele todo mundo era gente", elogia.

Terminado o contrato de professora de um ano, Dorália iria voltar para o Sul, mas conheceu o marido e ficou na cidade. Re-

“**A VIDA SOCIAL ESTAVA COMEÇANDO E SEMPRE ARRUMAVAM UM MOTIVO PARA REUNIR AS PESSOAS**”

cebeu o convite do então prefeito Paulo de Tarso para colaborar no planejamento do Departamento de Turismo. Ficou sendo, assim, a primeira técnica de divulgação do Detur. Missão cumprida, com a experiência adquirida na Fundação Getúlio Vargas, onde fez curso de seleção de pessoal, fundou também o Centro de Seleção e Treinamento. O órgão era responsável pela realização de concursos, "desde serventes a médicos", afirma a fundadora. Depois, voltou para a área de educação e assessorou os três primeiros secretários de Educação do Distrito Federal, chefiou a Secretaria da Presidência da Fundação Educacional e foi secretária dos órgãos colegiados: Conselho Diretor e Conselho Fiscal.

Atualmente, mesmo aposentada, vive em um ritmo alucinante. Ecologista de carteirinha, fundou na quadra onde mora o Grupo Ecológico Infanto-Juvenil da Octogonal 7. Entidade que reúne meninos e meninas na faixa etária de seis a 16 anos "para aprender sobre ecologia, cidadania e sobretudo civismo", diz. O gosto pelas plantas desde os tempos de menina resultou na formação da primeira Sociedade Orquidófila de Brasília e na presidência da Sociedade dos Amigos das Orquídeas, cuja sede está instalada no Viveiro nº 1 da Novacap, em regime de cooperação. Além dessas atividades, ocupa o cargo de Relações Institucionais do Clube Internacional Soroptimista Brasília Sul, é comendadora da Liga de Defesa Nacional, diretora cultural do Clube da Caça e Pesca de Brasília e titular da cadeira de Rondom do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

## Raio X

### Nome:

Dorália Duarte Galesso

### Idade:

79 anos

### Origem:

Santa Maria, Rio Grande do Sul

### Profissão:

Professora

### Estado civil:

Viúva de Ernane Galesso

### Filhos:

Edmundo, falecido em 1979, e Dora Thereza, maestra da Orquestra de Senhoritas

### Ano de chegada a

### Brasília:

1960

### Títulos:

Integrou o grupo dos primeiros 60 professores concursados para lecionar no Caseb. Por ocasião do jubileu de Brasília, estava entre as 25 mulheres agraciadas pelo Governo do Distrito Federal, recebendo o título de 1ª historiadora de Brasília

## Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivaticci Raquel Flores Garcia e Stela Maris Zica Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

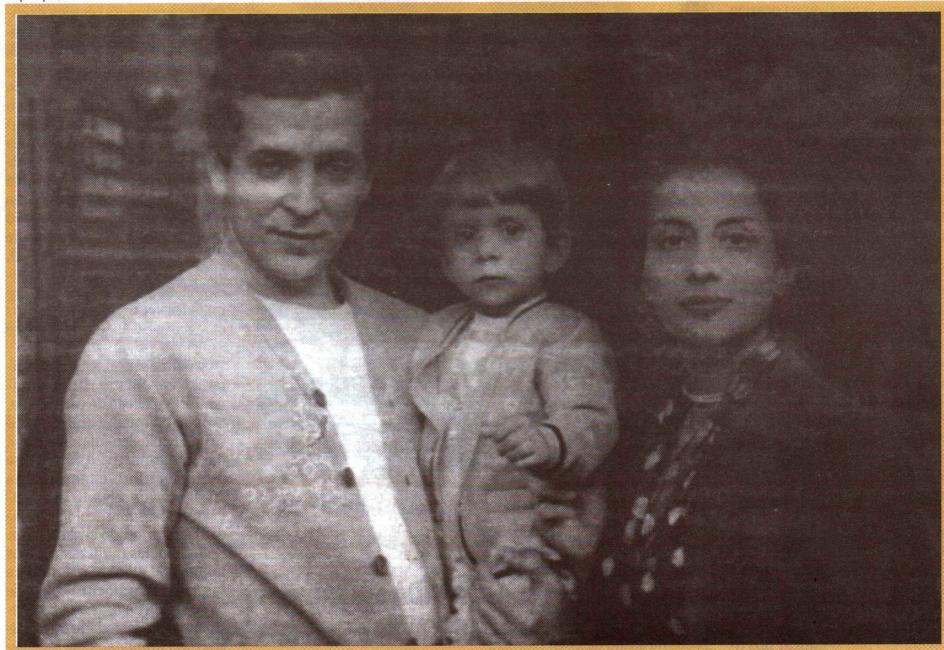




Gladson da Rocha Pimentel

# A imagem de Brasília difundida no exterior

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

*La Nueva Capital del Brasil*, a manchete em letras garrafais estampada em um dos principais jornais mexicanos em 1956, mais que uma importante notícia, mudaria o destino do jovem estudante brasileiro de arquitetura, Gladson da Rocha Pimentel. Ele passava em frente à banca em direção à Universidad Nacional Autónoma de México, onde era aluno, quando viu a notícia.

Depois de ler, com a mulher, Luz Maria, a matéria sobre o edital para o concurso de projetos de urbanismo da futura capital, decidiu que esta seria a nova moradia do casal quando regressassem ao Brasil, mesmo sem nunca ter ouvido antes a palavra Brasília.

Nascido no município da Serra, no Espírito Santo, aos 10 anos de idade o menino Gladson colocou os sapatos pela primeira vez, cortou os cabelos e deixou a fazenda onde morava com os pais para estudar na cidade grande. Ele, que antes tinha apenas contato com a natureza, conheceu o fantástico mundo dos livros de Arquitetura quando ainda era livreiro no Rio de Janeiro. "Como os livros eram vendidos por catálogos, eu os comprava e entregava apenas depois de ler tudo", conta. Foi assim que Gladson descobriu a sua paixão pela Arquitetura.

Mesmo frequentando a faculdade no México, ainda sobrava

tempo para estudar os projetos da futura capital, enviados pelos amigos. Foi dessa leitura que nasceram as palestras para profissionais e para estudantes nas universidades mexicanas sobre arquitetura brasileira. Com a ajuda da embaixada, que lhe oferecia carro para ir de uma palestra a outra, Gladson se tornava um especialista no assunto e sabia tratar com diplomacia as questões referentes aos projetos urbanísticos de Brasília.

## Convite

O excelente trabalho, aplaudido pelos mexicanos, lhe valeu o convite do Departamento de Cultura do Itamaraty para difundir o projeto da construção em toda a América Latina, numa época em que Brasília era apenas um sonho, uma promessa.

Após concluir o curso no Rio de Janeiro, foi convidado por Oscar Niemeyer para integrar a equipe do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Nova-

cap, em Brasília. Quase entrou em desespero quando chegou à cidade e avistou um mar de poeira e de obras picocando por toda a parte. "Eu falava para grandes platéias sobre uma cidade que não existia", lembra o arquiteto que anos antes se aventurou nas telas do cinema de Hollywood ao lado da atriz espanhola Lola Flores.

A sustentação das obras por meio de madeiras rústicas e modo ainda primitivo de construir

GLADSON, LUZ MARIA E BEATRIZ NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA EM BRASÍLIA

## PIONEIROS

*O caso de paixão do arquiteto Gladson Pimentel por Brasília data de antes de sua construção, quando ainda no México decidiu que a futura capital seria sua nova moradia*

**GLADSON E LUZ MARIA DECIDIRAM QUE SERIA EM BRASÍLIA QUE CRIARIAM OS FILHOS E APROVEITARIAM OS NETOS**

Arquivo pessoal



contrastavam com o projeto arrojado e moderno do papel. “Era difícil de imaginar que dali, um dia, nasceria uma cidade desse porte”, pensava.

Mas o céu de Brasília, as obras e o movimento em torno das construções o cativaram e fizeram com que ele projetasse aqui seu futuro. Com idéias na cabeça e prancheta na mão, trouxe a mulher e filhos para a capital.

Após morar em um quarto na Vila Planalto, onde cabia apenas uma cama, planejou uma “invasão” para uma casa maior, na 709 Sul, a fim de acomodar melhor a família.

### Admiração

Sempre atento aos detalhes e com olhos de arquiteto, soube como ninguém admirar a ousadia e a grande obra idealizada pelos mestres Lucio Costa e Oscar Niemeyer e a força de vontade dos candangos, como descreve em um de seus artigos publicado pelo Correio Braziliense, em novembro de 1964. “Dessa liderança básica maior nasceu Brasília. ‘Cidade Verde’, síntese urbanística de um tempo histórico, obra do suor candango, com uma porcentagem extraordinária e fora do comum de prédios que contribuíram para o desenvolvimento da Arquitetura contemporânea mundial pela criatividade de seus projetos”.

Dividindo a sala do escritório do Departamento de Urbanismo e Arquitetura (DUA), da Nova-cap, com a melhor equipe de arquitetos do país, entre eles, Oscar Niemeyer, o pioneiro assistia da janela, encantado, ao alvorecer de uma das mais belas e modernas obras de arte: a Esplanada dos Ministérios.

A cena enchia os olhos do arquiteto, que se confundiam com o mesmo azul do céu que lhe serviu de inspiração para escrever o livro *Minha Opção por Brasília — Planejamento Urbano e Arquitetura*, lançado em 1997. “Brasília cidade nova, sem dúvida, expressão das mais representativas do urbanismo moderno, guarda em seu traçado soluções bem definidas, apaixonantes não somente para nós arquitetos que trabalhamos na sua construção desde o início, mas também para todos os outros profissionais e indivíduos que igualmente deram o melhor de seus esforços para a formação deste meio ambiente que já nos entusiasma e que, no futuro, com a complementação de suas partes, tanto mais conforto e alegria proporcionará”, escreve Gladson em seu livro.

O pioneiro, residente em Brasília desde 1958, soube aperfeiçoar e definir com talento e perfeição o traçado inicial da cidade projetada pelos grandes mestres e colegas com a construção da Pirâmide da CEB, na L2 Norte, que lhe rendeu o primeiro

“  
EU FALAVA  
PARA GRANDES  
PLATÉIAS  
SOBRE UMA  
CIDADE QUE  
NÃO EXISTIA(...)  
ERA DIFÍCIL  
DE IMAGINAR  
QUE DALI, UM  
DIA, NASCERIA  
UMA CIDADE  
DESSE PORTE

prêmio de um concurso de projetos, a Casa Redonda na QL 2 Lago Sul, bastante visitada, e o edifício da Representação da Comunidade Européia, no Lago Sul. Seu mais novo projeto e que ele exibe com orgulho é o da embaixada da Índia, que está sendo construída no setor de embaixadas Sul entre as representações da Turquia e do México.

Aposentado, Gladson hoje ainda dedica todo o seu tempo às aulas, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Planalto Central (Fauplac), onde é diretor, e aos projetos e palestras que realiza em vários continentes.

Quando perguntado sobre a opção por Brasília, a resposta de Gladson é a mesma de décadas atrás. Um caso de amor que passa de geração a geração. “Como arquiteto e urbanista que sou e também como cidadão que optou por viver em Brasília quando ainda estava em cogitação o concurso para a escolha do seu Plano Piloto, hoje, berço de meus filhos, será também amanhã o habitat dos meus netos, demais descendentes e conterrâneos”.

## Raio X

**Nome:** Gladson da Rocha Pimentel  
**Idade:** 80 anos  
**Origem:** Serra, Espírito Santo  
**Ano de chegada a Brasília:** 1958  
**Profissão:** Arquiteto  
**Mulher:** Luz Maria  
**Filhos:** Beatriz, Marcelo, Flávio e Lúcio  
**Netos:** Pablo, Luma e Elizabeth



Júlio Adnet

Foi em Brasília que o funcionário de uma referência em esporte e saúde.

# Atmosfera da cidade transformava dificuldades em prazeres

Fotos: Arquivo Pessoal

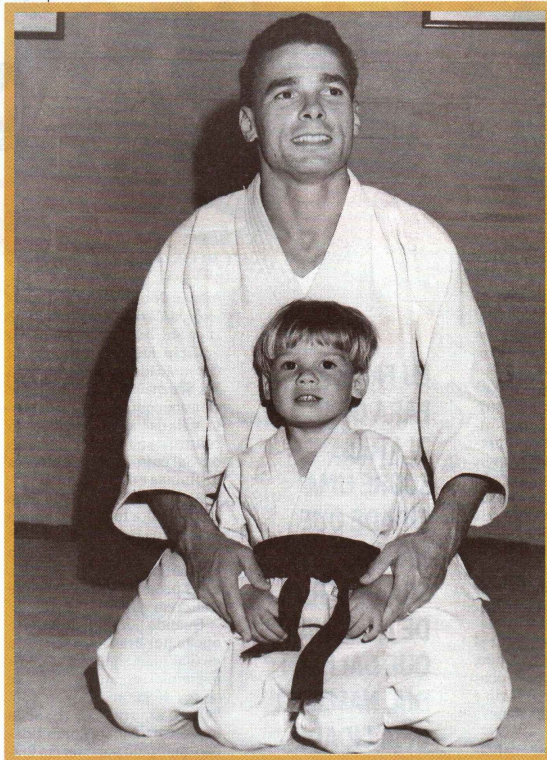
BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

As notícias sobre a mudança da capital federal para o Planalto Central provocavam a curiosidade das pessoas. Nos jornais, muitas críticas ao ideal de Juscelino Kubitschek. Brasília já tinha sido inaugurada, mas as dúvidas a respeito de sua concretização resistiam. No Rio de Janeiro, um jovem de 27 anos, funcionário do Banco do Brasil, estudante de Educação Física, faixa preta de judô, empolgava-se com a idéia de conhecer a nova capital.

A primeira visita à nova capital aconteceu em 1961. A movimentação de pessoas de todos os estados do país chegando à cidade e a imensa oferta de oportunidades de trabalho fizeram a paixão acontecer. "Foi amor à primeira vista", confessa Júlio César Simões Adnet. "No mesmo dia, resolvi me mudar para cá e participar do desenvolvimento de Brasília."

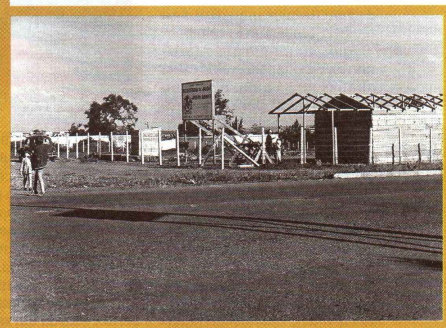
Aos 69 anos de idade, Júlio Adnet é hoje personalidade conhecida e respeitada na cidade. Proprietário da primeira academia de ginástica aberta no Distrito Federal, é referência quando se fala em esporte e saúde. Por trás do sucesso profissional deste professor que virou empresário, entretanto,



está a coragem de abandonar uma carreira promissora como bancário e apostar em um futuro incerto numa cidade ainda em formação.

Júlio Adnet mudou-se para Brasília como funcionário do Banco do Brasil. Natural de Vitória, no Espírito Santo, mas morador do Rio de Janeiro desde a

infância, a Brasília encontrada pelo judoca parecia uma "grande fazenda", como gosta de chamar. O primeiro local de moradia ficava na 303 Sul, em blocos



JÚLIO COM O FILHO ALEXANDRE NO TATAME E, EM DETALHE, A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA ACADEMIA NA 907 SUL

de quitinetes apelidados de lâminas. Construídas pelo Banco do Brasil para abrigar os funcionários que trabalhariam na cidade, as lâminas eram compostas por apartamentos para duas pessoas e uma pequena infraestrutura com lavanderia, boate e cinema. As refeições eram feitas em um restaurante que ficava na agência central do banco.

## Rotina modificada

Durante um ano, a rotina de Adnet não sofreu muitas modificações. De manhã, trabalhava como bancário e à noite dava aulas de judô no colégio Rosário, hoje localizado na 908 Sul. A grande transformação na vida

do Banco do Brasil concluiu o curso de Educação Física e se tornou professor. Em 1970 abriu a primeira academia e não parou mais de crescer

**JÚLIO COM ANNA LUIZA E FILHOS, O GENRO E NETOS, NA BRASÍLIA QUE ELE ESCOLHEU E AJUDOU A CONSOLIDAR**

Arquivo Pessoal



do então estudante de Educação Física aconteceu após a conclusão do bloco de apartamentos funcionais da 114 Sul.

Beneficiado por dez irmãos dependentes, Júlio ganhou um apartamento com espaço suficiente para instalar sua primeira sala de ginástica e assim o fez. Começou com três alunas e logo recebia em sua casa, diariamente, cerca de 20 mulheres preocupadas com o físico. O boato se espalhou e o movimento até então "misterioso" do apartamento do professor chocou a pequena comunidade de Brasília na época.

Inocente, Adnet foi chamado a comparecer à sala do superintendente do Banco do Brasil para explicar por que havia um abaixo-assinado na quadra onde morava para retirá-lo de lá. O motivo era a quantidade fora do comum de mulheres que o visitavam todas as tardes. A explicação se espalhou pela cidade e em pouco tempo o número de alunas triplicou. A ginástica teve que ser transferida para um lugar maior e passou a ser executada no colégio Rosário, onde já dava aulas de judô à noite.

As atividades ministradas por Adnet permaneceram ali por quatro anos e depois passaram a ser executadas no La Salle, na 907 Sul. Só em 1970 é que a academia, até hoje localizada na 909 Sul, pôde ser inaugurada.

O terreno foi adquirido em 1968. Ao lado, quase nada existia. O prédio foi construído no estilo japonês, conforme o gosto do judoca. Mas novamente Adnet teve que enfrentar o desconhecimento da população local

sobre o ensino de Educação Física. Um grupo de pessoas organizou uma manifestação contra a instalação do que chamavam de "escola de tapas". De lá para cá, o crescimento no local da academia não parou mais.

### **Simplicidade**

A Brasília que atraiu Adnet era uma cidade simples, cuja precariedade em todos os sentidos dava oportunidades de crescimento para quem não tivesse medo de trabalhar. "A construção de Brasília foi algo fantástico", afirma. "Quem teve coragem e projeto para conquistar seu espaço teve sucesso aqui", conclui.

Para Adnet, a atmosfera de participação contagiava a todos que aqui chegavam e transformava as dificuldades em pequenos prazeres cotidianos. Casado com Anna Luíza Adnet desde 1962, lembra-se de quando tentava levá-la a um cinema que funcionava na W3 Sul sem nun-

“**O NÚMERO GRANDE DE IMIGRANTES, DE TODAS AS REGIÕES, FEZ COM QUE AS PESSOAS DE BRASÍLIA APRENDESSEM A TOLERAR E VALORIZAR AS DIFERENÇAS CULTURAIS**”

ca concluir o programa. "famos para a parada, esperávamos o ônibus por uma, duas horas, até que desistimos e voltávamos para casa", diverte-se.

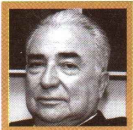
A naturalidade com que os fatos aconteciam contaminava até os negócios. "A cidade era uma bolsa de valores, tudo era negociado", diz o professor. "Certa vez comprei um carro por 15 mil cruzeiros em 15 parcelas e em 15 dias o vendi pelo mesmo preço à vista", conta.

Também era comum fazer compras nas feiras livres da Ceilândia e do Núcleo Bandeirante, onde os produtos eram mais frescos. "A cidade perdeu o prazer das pequenas coisas e os moradores ficam cada vez mais distantes", reclama. Mesmo assim, Adnet destaca uma qualidade que, para ele, define bem o que é Brasília: "o número grande de imigrantes, de todas as regiões, fez com que as pessoas aprendessem a tolerar e valorizar as diferenças culturais", conclui.

## **Raio X**

**Nome:** Júlio César Simões  
**Adnet**  
**Idade:** 69 anos  
**Origem:** Vitória, Espírito Santo  
**Ano de chegada:** 1961, vindo do Rio de Janeiro, onde trabalhava no Banco do Brasil  
**Profissão:** professor de Educação Física e empresário  
**Mulher:** Anna Luíza Adnet  
**Filhos:** Alexandre e Adriana  
**Netos:** Gabriel e Juliana

## PIONEIROS



Roosevelt Dias Beltrão

# Luta e dedicação para preservar a memória da capital

Arquivo Pessoal

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Brasília é tudo. É esse sonho magnífico de Dom Bosco que se materializou numa das mais belas obras arquitetônicas pelas mãos de Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão, Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Israel Pinheiro.” A declaração de amor a Brasília tem um significado especial quando sai do coração deste mineiro de 62 anos, que aos 19 deixou a histórica e pacata São João del’Rei em busca de novas oportunidades de trabalho no Planalto Central.

Apesar da pouca idade, Roosevelt Dias Beltrão já sabia o que queria. O convite do irmão mais velho para conhecer e morar na nova capital foi apenas um pretexto para que o jovem fizesse as malas e embarcasse para o cerrado. A bordo de um avião da Navegação Aérea Brasileira (NAB), desembarcava na cidade no ano de 1959.

Irmão do primeiro funcionário efetivo do Banco do Brasil, Roosevelt também tinha no sangue habilidades bancárias. Trabalhou no Banco Almeida Magalhães, quando ainda morava em Minas, no Banco da Lavoura e teve a oportunidade de inaugurar a primeira agência bancária de Taguatinga, a do Banco Real Brasileiro. Mais tarde, passou também pelos bancos Hipotecário e Agrícola.



Roosevelt e outros colegas faziam dos acampamentos do Banco do Brasil e do Banco da Lavoura uma residência. Na frente, funcionava a agência, e atrás, o quarto de dormir. “As camas eram pequenas e a metade do meu corpo ficava de fora”, conta sem constrangimento. Esse sacrifício todo era para que os gerentes pudes-

sem dormir nos beliches, mais confortáveis.

Por causa do trabalho, o jovem pioneiro morou primeiro na Cidade Livre, hoje o Núcleo Bandeirante, depois foi para Taguatinga, para mais tarde inaugurar a 114 Sul, seu novo endereço, ao lado de vizinhos importantes como João Goulart.

Um acordo com um colega do

Banco Agrícola o fez se aproximar de quem seria sua futura mulher, a paulista Maria Sílvia Ferreira de Moraes. Se o colega não a conquistasse em 30 dias, caberia a Roosevelt tentar. Como o colega perdeu a aposta, Roosevelt a convidou para ir ao clube da AABB. “Ela era muito bonitinha e engraçadinha. Arrumei um fusquinha emprestado

ROOSEVELT BELTRÃO (DE TERNO CLARO) NA INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA ETAPA DO CONJUNTO NACIONAL



## PIONEIROS

*Aos 19 anos de idade, Roosevelt deixou a pacata São João del'Rei, em Minas Gerais, para se aventurar no Planalto Central em busca de novas oportunidades de trabalho*

**ROOSEVELT COM A MULHER MARIA SILVIA, OS FILHOS JÚNIOR E RICARDO, A NORA CLÁUDIA E A NETA VITÓRIA**



e alevi para sair". O casamento aconteceria pouco tempo depois na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na cidade de Taguatinga, em julho de 1964.

Ao lado do sogro, Aristides Gomes de Moraes, Roosevelt encontrou na homeopatia uma forma de ajudar os candangos. Por meio de uma sociedade, inauguraram o primeiro laboratório farmacêutico da região. Atividade a que ele se dedica até hoje.

### Conjunto Nacional

Proprietário da Farmácia Homeopática que leva o seu nome, Roosevelt fez questão de que funcionasse em um local histórico e importante, que ele próprio ajudou a construir: o Conjunto Nacional.

Mesmo com as dificuldades econômicas do governo Costa e Silva, as paredes do edifício foram sendo erguidas com o trabalho e o esforço conjunto do próprio Roosevelt, dos governadores Hélio Prates da Silveira e Elmo Serejo Farias, de secretários e procuradores.

Inaugurado em três etapas — de acordo com o término das obras e com o número de lojas que alugavam —, em setembro de 1977 brotava imponente no solo do cerrado o primeiro shopping center de Brasília e o segundo do país. O mais novo centro comercial da cidade atraía turistas de toda parte, jornalistas e autoridades políticas.

Além de abrigar o maior número de lojas por metro quadrado, ainda sobrava espaço para as cerimônias cívicas como as do Dia do Soldado e da Semana do Exército. "Hoje não

assistimos mais a cerimônias como estas", relembra com certo saudosismo patriótico.

O Conjunto Nacional, anos depois, abrigaria também uma das mais importantes instituições de Brasília na opinião de Roosevelt Beltrão: o Clube dos Pioneiros. Fundado por Juscelino Kubitschek, em 1974, o clube foi idealizado pelo jornalista Carlos Rodrigues para preservar a memória e a tradição da capital do país.

A história do mineiro na nova capital ganhou então um capítulo especial, quando Roosevelt primeiro assumiu o cargo de conselheiro e vice-presidente do clube, que ocupou durante 29 anos, e depois quando chegou à presidência da instituição.

Com mais de dois mil associados, o Clube dos Pioneiros é hoje um museu vivo da história de Brasília, que, nas mãos de

“**AS CAMAS NOS ACAMPAMENTOS DO BANCO DO BRASIL E DO BANCO DA LAVOURA ERAM PEQUENAS E A METADE DO MEU CORPO FICAVA DE FORA**”

seu pioneiro-presidente, deverá eternizar os grandes momentos e nomes responsáveis pela construção da capital. "O Clube dos Pioneiros mantém acesa a profecia de Dom Bosco, que previu Brasília como uma grande civilização no Planalto Central", declara Roosevelt.

Para concretizar o sonho do profeta e preservar a memória da epopéia da construção de Brasília, ele ainda tem um desejo: construir a sede do Clube dos Pioneiros, com um amplo espaço para as atividades sociais. O projeto da nova sede prevê a construção de uma biblioteca, uma clínica geriátrica, piscina térmica e um museu.

O objetivo, ele compartilha com os filhos nascidos e criados aqui e com os milhares de pioneiros que, como ele, acreditaram no sonho maior, que foi a construção de Brasília.

## Raio X

**Nome:** Roosevelt Dias Beltrão  
**Idade:** 62 anos  
**Origem:** São João del'Rei, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1959  
**Profissão:** Advogado e empresário  
**Mulher:** Maria Silvia Ferreira de Moraes  
**Filhos:** Júnior e Ricardo  
**Neta:** Vitória

## PIONEIROS



Sylvia Cintra Bastos Tigre

# Um toque feminino no Catetinho

Arquivo pessoal

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Sylvia Cintra Bastos Tigre está hoje com 91 anos. Tem dificuldade para falar devido à idade avançada. Mas a lucidez com que lembra os fatos vividos na capital em construção é tão surpreendente como a tez jovem de sua pele. Funcionária aposentada do Ministério da Educação, Sylvia viveu como poucos os bastidores do nascimento de Brasília. Discreta, nem tudo é revelado e, mesmo assim, ainda sobram muitas histórias para contar.

A amizade com o criador antecede a obra. Sylvia foi amiga íntima do presidente Juscelino Kubitschek. A aproximação entre os dois foi feita por amigos em comum de Minas Gerais. Na época, JK era candidato à Presidência da República. Sylvia já fazia parte do quadro efetivo do Ministério da Educação, quando a capital ainda era o Rio de Janeiro, e trabalhava intensamente na campanha eleitoral pela vitória do então candidato.

"Percebi a necessidade que JK tinha de receber amigos e políticos em algum lugar neutro e decidi colocar meu apartamento à disposição", conta. O endereço no Leme, bairro nobre da Cidade Maravilhosa, passava então a ser ponto de encontro habitual do futuro presidente nos intervalos da campanha.



Além do abrigo, Sylvia subsidiava o candidato com informações relevantes sobre Educação, que terminavam sendo usadas em discursos durante os comícios. Firmava-se assim uma grande amizade.

## A mudança

A eleição foi vencida e o projeto Brasília começava a tomar forma. Em 1957, por intermédio de um grupo seletivo de amigos

de JK, entre os quais destaca João Milton e César Prates, Sylvia soube da intenção de se construir um lugar onde o presidente pudesse repousar durante as visitas às obras da futura capital. Em favor aos amigos, o arquiteto Oscar Niemeyer rabisçou o projeto. Em 15 dias, o Catetinho era concluído pelo grupo, com recursos financeiros próprios e com a ajuda de Sylvia. "Cabiam-me as pro-

vidências domésticas, como comprar a louça, a roupa de cama e demais acessórios para deixar o lugar confortável para o presidente", afirma. "Além disso, eu tinha sido incumbida de manter um diário com o andamento dessa aventura. Com informações que me eram transmitidas por rádio, do avião pilotado por João Milton", conclui.

O entusiasmo de Sylvia pelas novidades era tão grande que ter-

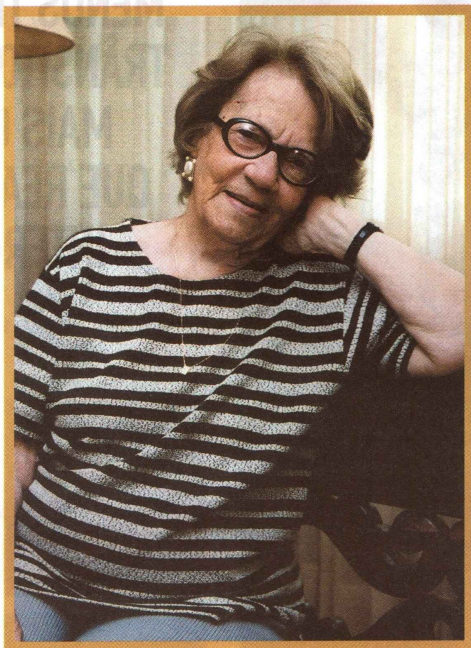
SYLVIA (D) NA INAUGURAÇÃO DO PRIMEIRO VÔO DA LOIDE AÉREO PARA BRÁSILIA

minou por contagiar o pai — o poeta Bastos Tigre — e o marido da filha Victoria Regina, que na época estava com 17 anos — o arquiteto José Maria de Araújo Souza, integrante da equipe do paisagista Roberto Burle Max.

## PIONEIROS

*Era na casa de Sylvia e do marido Gentil Neto, no Rio, que o presidente recebia os amigos para conversas reservadas no tempo da campanha eleitoral*

**SYLVIA FOI A RESPONSÁVEL POR EQUIPAR O CATETINHO COM LOUÇAS, ROUPAS DE CAMA E OUTRAS COISAS PARA O CONFORTO DO PRESIDENTE**



Em homenagem ao sonho de JK que aos poucos se concretizava, Bastos Tigre escreveu a letra do *Hino de Exaltação a Brasília*, musicado por Dilermando Reis e cantado por César Prates na noite de "estréia" do Catetinho.

José Maria, por sua vez, insistiu com a sogra para que se mudassem para a futura capital. "Ele me dizia: 'Dona Sylvia, quero muito ir para lá, mas se a senhora não for a Victória não vai'", recorda-se. Aventureira, de espírito livre e personalidade à frente de seu tempo, Sylvia não pensou duas vezes. Faltava encontrar maneira de ser transferida para cá.

O argumento para convencer Israel Pinheiro, então presidente da Novacap, seria outro. "Ele era conhecido por sua extrema simpatia, por isso disse-lhe que meu marido, o engenheiro José Gentil Neto, tinha grande interesse em colaborar com a construção", revela. Pinheiro reconheceu a competência de Gentil Neto, mas duvidou da adaptação do profissional às condições que encontrariam aqui. A oferta então foi para que o casal visitasse a cidade. "Se gostássemos, ele seria contratado", conta Sylvia. A visita aconteceu em maio de 1959. Poucos dias depois, a família desembarcava definitivamente no Planalto Central.

A situação funcional de Sylvia foi resolvida por uma portaria, assinada pelo ministro Clóvis Salgado, que a tornava assessora técnica da comissão coordenadora do Sistema Educacional de Brasília, em junho do mesmo ano.

#### Elefante Branco

A comissão seria responsável pelo planejamento, supervisão, assistência e fiscalização dos traba-

lhos de construção e instalação da rede educacional de Brasília. Também deveria elaborar os anteprojetos referentes à legislação correspondente. A Sylvia, caberia manter o ministério informado sobre o andamento das obras do futuro Centro Educacional de Brasília e fazer cumprir as instruções e deliberações da comissão.

Foi durante os trabalhos de fiscalização das obras que o nome do citado centro surgiu. "Assustei-me ao deparar com a estrutura de um vão gigantesco, sem divisórias, pensei no custo de manutenção de um empreendimento como aquele e exclamei: isso vai ser um elefante branco!", diverte-se. As divisórias, na verdade, seriam colocadas à medida que os espaços para laboratório, salas de aula, administração, biblioteca etc. fossem definidos. Mas o episódio batizou definitivamente o primeiro Centro Educacional que a cidade teve de Elefante Branco.

#### A energia dos candangos

"Candango era o termo usado pelos africanos para chamar os portugueses: pessoa ruim, pessoa feia, de mau gosto", explica Sylvia. O nome passou a ser utilizado pelos opositores à mudança da capital federal para Brasília em referência aos primeiros habitantes da cidade, vindos do interior, a maioria do Nordeste. "A conotação pejorativa da época, entretanto, tornou-se gratificante porque todos se orgulhavam de participar do feito inédito que era a construção da nova capital", afirma.

Sylvia guarda na memória várias passagens que demonstram o clima de participação, entusiasmo, esperança, solidariedade, confiança e espontaneidade que dominava o imenso canteiro de obras que no futuro se chamaria Brasília. Lembra-se, por exemplo, da torcida permanente que acompanhava a constru-

“**BRASÍLIA NÃO FOI CONSTRUÍDA APENAS COM FERRO, CIMENTO E AREIA, MAS COM A DETERMINAÇÃO, A EMOÇÃO E O AMOR DAQUELES QUE, SEJA COMO EXECUTORES OU SIMPLES ESPECTADORES, PARTICIPARAM DE SUA CONSTRUÇÃO**”

ção do edifício sede do Banco do Brasil, no Setor Bancário Sul.

Havia urgência na conclusão do prédio, mas a empresa responsável precisava respeitar o tempo de secagem das lajes. O interesse da pequena população, que aqui residia, pela obra era tão grande que a empreiteira decidiu colocar faixas indicando as datas de início e conclusão de cada etapa para que o público, que se aglomerava em frente ao enorme esqueleto de concreto, acompanhasse o progresso da construção.

A torcida de todos fez com que o prédio fosse concluído em tempo recorde. "Tudo era assim", afirma Sylvia. "Brasília não foi construída apenas com ferro, cimento e areia, mas com a determinação, a emoção e o amor daqueles que, seja como executores ou simples espectadores, participaram de sua construção", orgulha-se.

## Raio X

**Nome:**  
Sylvia Cintra Bastos Tigre

**Origem:**  
Rio de Janeiro

**Ano de chegada a Brasília:**

1959

**Profissão:**

Funcionária pública

**Marido:**

José Gentil Neto

**Filhos:**

Sylvio Carlos, Luiz Carlos, Victória Regina, Marcelo

**Netos:**

Elizabeth, Carlos Henrique, Mônica, Luiz Cláudio, Carlos Rodolfo, Cláudio Rogério, Luiz Ricardo, Leonardo Rodrigo, Veronika, Victor, Vivianne, Valéria

**Bisnetos:**

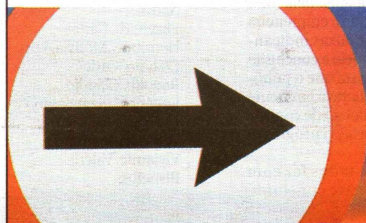
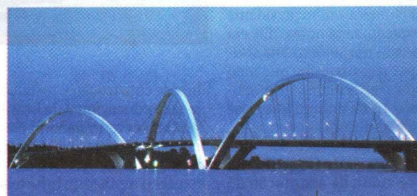
Agatha, Maria Joana, Juan, Tainá, Paulo, Heitor, Maria Vitória, Daniel, Roberta, Bárbara, Mariana, Isabela, Luiz Carlos, Thomas Alexander, Maria Antonia, Naima, Savannah, Kira, Aloísio



**AGORA, O PAI DA  
JÚLIA GASTA MUITO  
MENOS TEMPO NO  
TRÂNSITO E MUITO  
MAIS COM O  
QUE REALMENTE  
INTERESSA.**

### **PONTE JK**

**ECONOMIA DE  
TEMPO E DINHEIRO  
PARA VOCÊ.**



Quando viu aquele monumento pronto, o Mauro ficou maravilhado com tanta beleza. Só perdeu para a filha dele, a Júlia. Ela, ficou absolutamente encantada com a ponte. Não só com o desenho em si, mas também porque ela traz o pai para casa mais rápido. Desde que a

**Ponte JK** foi inaugurada, os dois têm tido muito mais tempo para brincar e se curtir. Aliás, essa é a razão de existir da nova ponte: encurtar as distâncias entre as pessoas. Perto disso, economia de combustível, trânsito tranquilo e conforto são até vantagens menores.

**GDF**  
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL